

84: recuperação do País e ponto final na recessão

A recuperação econômica do Brasil não está prevista para 1985. Ela já começou, solidamente, a partir do segundo semestre deste ano, como previa o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, e está se processando firmemente, conforme mostram os números. Nos 10 primeiros meses do ano, a indústria teve um crescimento de 6,6%, em relação a igual período de 1983, ao mesmo tempo que a taxa de desemprego continuou registrando o mesmo ritmo de queda assinalado a partir de julho, segundo dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

É o resultado das mudanças estruturais da economia brasileira levadas a cabo pelo Governo do Presidente João Figueiredo, com o objetivo de adaptar o País à nova realidade nacional, resultado de uma crise econômica que abalou o mundo a partir de 1979. Como afirmou o Ministro Delfim Neto, ao falar na Escola Superior de Guerra, no Rio, em junho, "essas mudanças estruturais constituíram o cerne do esforço desenvolvido pela economia brasileira nesses cinco anos. O objetivo foi perseguido com pertinácia e cobrou um preço caro de toda a sociedade brasileira".

Mudanças

Nesses cinco anos, "o Brasil mudou a sua matriz energética. Já produzimos mais petróleo do que importamos", disse o Ministro Delfim Neto. O corte nas importações já atinge mais da metade do consumo de petróleo, depois que o esforço de produção da Petrobrás permitiu assegurar para o próximo ano 650 mil barris/dia. Atualmente, o Brasil está gastando com a importação de petróleo US\$ 8 bilhões/ano, com 420 mil barris/dia. Para o ano que vem, se prevê um gasto de US\$ 4 bilhões e a importação de apenas 350 mil barris/dia.

Para que essa meta de corte na importação de petróleo — um dos maiores pesos nas contas externas do país — fosse alcançada, houve todo um esforço de substituição de fontes energéticas e geração de novas formas de energia, das quais se destacaram o Proálcool, que já ultrapassou a produção de nove bilhões de litros por ano, o que equivale a 138 mil barris de petróleo/dia, o que representa tanto quanto o Brasil produzia de petróleo em 1979. Ao mesmo tempo, houve todo um esforço de adaptação, por parte das indústrias de automóveis, para a utilização do novo combustível e uma tecnologia nacional do setor nasceu.

O petróleo deixou de ser o combustível nº 1 do Brasil para repartir a liderança com alternativas energéti-

cas geradas pela inventiva brasileira em tempo de crise, como o álcool, o gás natural, o carvão mineral e a energia elétrica, acrescentando que "o Governo Figueiredo deverá deslançar, neste final de mandato, um programa de termelétricas, com a utilização de madeira em lugar de óleo combustível".

Os primeiros resultados desse esforço: a Petrobrás iniciou já o fornecimento de gás da Bacia de Campos à Companhia Siderúrgica Nacional. Somente o consumo do gás pelas indústrias do Estado do Rio de Janeiro atingirá 2 milhões 500 mil metros cúbicos por dia, este mês, o que significa uma economia de divisas da ordem de US\$ 14 milhões mensais.

Nova dimensão

Em sua exposição na Escola Superior de Guerra, o Ministro Delfim Neto lembrou que "a Nação deu um passo importante da direção do ajustamento de suas contas externas. A indústria e a agricultura redirecionaram sua produção no sentido do aumento das exportações. O Produto Interno Bruto recomeça a crescer". Após três anos de recessão declarada, a economia brasileira voltou a crescer em 1984, com uma taxa de 3,5%, acima de inflação média, estimada em 218,6%.

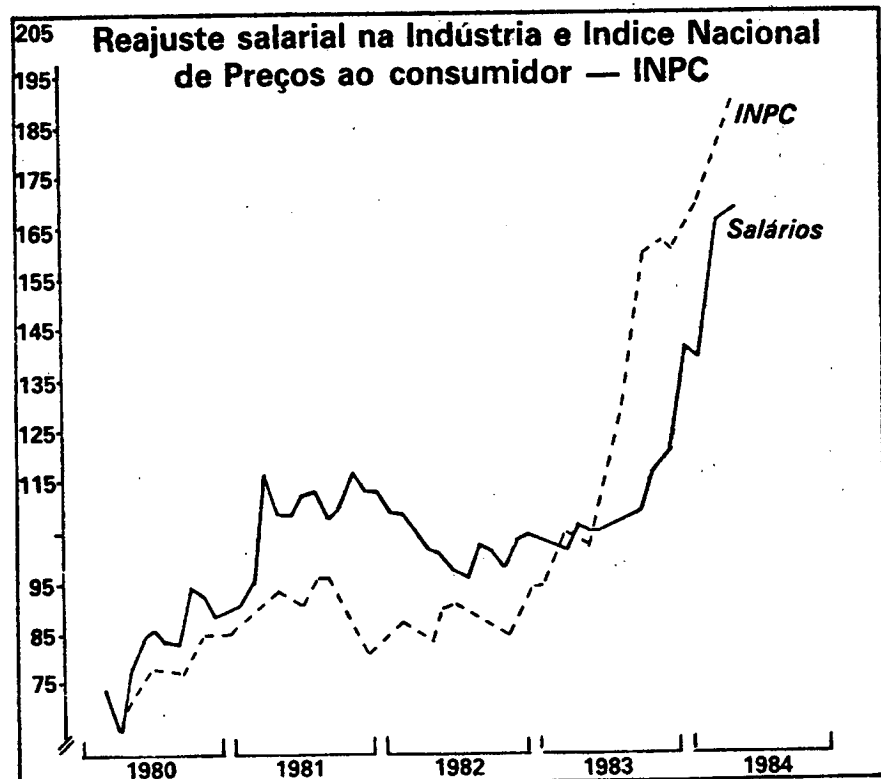
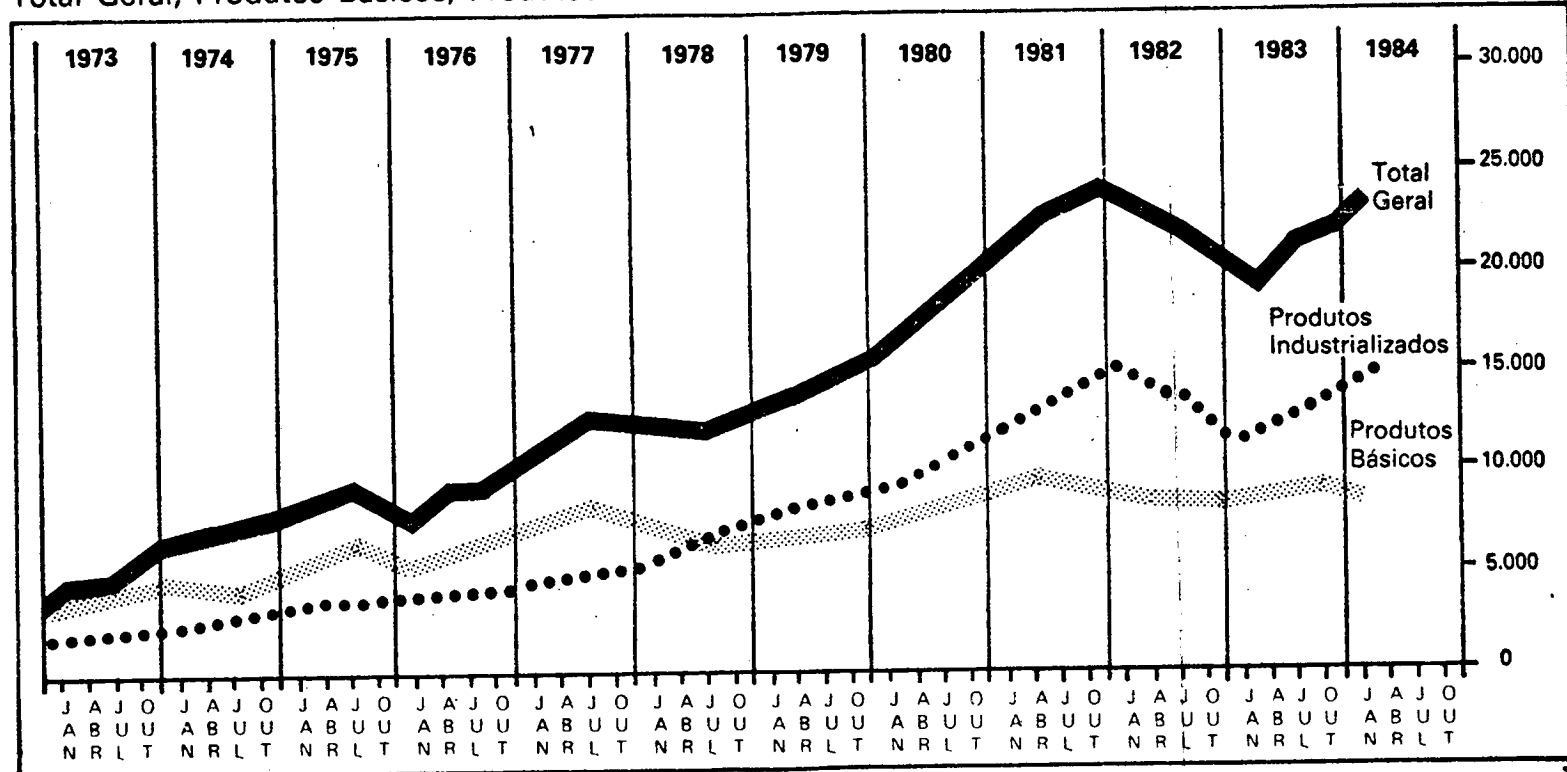
Apesar de ainda faltar alguma coisa para se atingir os níveis de 1979, a crise desses cinco anos pôde ser enfrentada com a eficiência que os números demonstram, mesmo "a um preço caro para toda a sociedade brasileira", como reconheceu o Ministro do Planejamento. Assim, o Produto Interno Bruto que, em 1979, atingiu US\$236 bilhões 600 milhões, já vai fechar 1984 com US\$ 216 bilhões 100 milhões (ou Cr\$ 399 trilhões 180 bilhões).

Já a renda per capita apresentará, este ano, pela primeira vez nos últimos quatro, um crescimento real (1% acima da inflação): com isso, a fatia do PIB que cabe a cada brasileiro subiu de Cr\$ 944 mil 400, em 1983, para Cr\$ 3 milhões 370 mil 900, este ano.

Esses sinais da reativação da economia brasileira, que começaram a se manifestar a partir do início do segundo semestre, são atribuídos, em primeiro lugar, ao grande esforço de exportação que o País vem fazendo, mas que, também, não teria sido possível sem todo um processo de adaptação da sociedade à nova realidade nacional e internacional, com a redução da dependência externa de petróleo e a criação de alternativas energéticas nacionais, além do controle na expansão do setor público, com o que se obteve um maior equilíbrio interno e externo.

Exportações

Total Geral, Produtos Básicos, Produtos Industrializados — Últimos 12 Meses Em US\$ milhões (FOB)



Salários subiram menos do que inflação, admite o programa